

Banqueiros virão a Brasília

Ministra Zélia encerra visita aos EUA e marca início de reuniões individuais com credores

PAULO SOTERO
Correspondente

NOVA YORK — A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, usou o que deveria ser, segundo a versão oficial, uma oportunidade para contatos preliminares com os representantes dos maiores bancos americanos para indicar-lhes a intenção do governo de introduzir uma importante mudança no ritual das negociações da dívida externa. Em seis reuniões realizadas na segunda-feira e ontem, numa suíte do Hotel Continental, a ministra informou-lhes que, desta vez, as conversas vão começar em Brasília, e não em Nova York, como ocorreu no passado.

A ministra da Economia não deu aos credores a notícia que eles mais gostariam de receber, ou seja, quando o Brasil reiniciar o pagamento dos juros, mas evitou também descartar a possibilidade de o País vir a realizar um pagamento no futuro próximo. "Os pagamen-

tos atrasados são uma preocupação legítima tanto dos bancos como das autoridades americanas", afirmou Zélia, depois de ouvir a reivindicação unânime dos banqueiros. Ela acrescentou, contudo, que o governo não tomará nenhuma decisão a respeito antes de completar a revisão do orçamento, no fim do mês, "pois não queremos assumir compromissos sem saber se poderemos cumprí-los". A declaração parece deixar aberta a possibilidade de o governo vir a fazer um pagamento parcial de juros em junho, para diminuir as chances de uma reclassificação dos ativos brasileiros dos bancos americanos por Washington, no fim do mês.

Segundo o negociador da dívida, embaixador Jório Dauster, que acompanhou Zélia na viagem aos Estados Unidos, a partir de julho o governo pedirá aos quarenta ou cinqüenta bancos mais representativos da comunidade financeira internacional que apresentem, em Brasília, "idéias para uma solução duradoura" para a dívida. "As negociações", explicou, "virão depois." A iniciativa tem dois objetivos: ganhar tempo, para garantir um acordo com o Fundo Monetário Internacional e uma renegociação com os credores oficiais, no Clube de Paris e, paralelamente, desenvolver uma estratégia mais

descentralizada de negociação da qual os bancos credores possam participar de acordo com seus diferentes interesses. A ministra indicou que esta fase preliminar dos entendimentos com os credores deverá durar até setembro.

Se a resposta de Zélia sobre os juros era previsível, a iniciativa de inverter a coreografia da negociação surpreendeu e, em diferentes graus, deixou os banqueiros contrariados. William R. Rhodes, o executivo do Citibank que há seis anos dirige o comitê de bancos credores do Brasil, deixou o encontro visivelmente frustrado com o que ouviu. "Tivemos uma boa troca de idéias e concordamos em continuar a conversar", afirmou Rhodes, que é favorável ao início imediato das negociações e arrisca perder muito da grande influência que exerceu até agora nas negociações com o Brasil, caso o governo Collor leve a cabo a estratégia delineada pela equipe econômica. "Vamos ver no que isso resultará", acrescentou, antes de deixar o hotel, menos animado do que chegará, em companhia de um dos vice-presidentes do Citibank, Alan MacDonald.

Richard Simmons, presidente do Chemical Bank, disse que "qualquer negociação que não inclua o pagamento de atrasados vai ser difícil".